

A Família¹

Ana Alice Reis GONÇALVES²

Gabriel Ferreira FRAGATA³

Jessica Santos SILVA⁴

Jousefe David Matos de OLIVEIRA⁵

Gerson André ALBUQUERQUE⁶

Universidade Federal do Amazonas, Amazonas, AM

RESUMO

Essa fotografia revela um encontro com um grupo de andarilhos da Cidade de Parintins, e através de discussões a respeito sobre esses indivíduos, retratamos as suas mazelas e o lugar onde vivem a maior parte do tempo; Um galpão abandonado no centro da cidade; O preconceito e a violência são crescentes em nosso município, e por meio deste trabalho buscamos retratar a verdadeira face dessas pessoas, detalhando em um retrato a sua expressão, seu modo de pensar e viver, e que eles também possuem uma identidade e são seres humanos como qualquer um.

PALAVRAS-CHAVE: Andarilhos; Parintins; Fotografia; Retrato.

INTRODUÇÃO

“Tudo o que a sociedade rejeita é o nosso assunto principal”, (ARBUS apud SUSSMAN, 2003, p. 41), dizia a famosa por seus registros fotográficos de pessoas desconhecidas, cuja aparência ou status social eram rejeitados e mal vistos pela sociedade da época. Travestis, anões, doentes mentais, enfim, toda anomalia repugnada e excluída por uma sociedade preconceituosa, tais eventos não mudaram e os mesmos comportamentos persistem impregnados como um tumor maligno em um mundo caótico.

¹Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Produção Transdisciplinar, modalidade Fotografia Artística (avulso).

²Aluno líder do grupo e estudante do 7º. Período do Curso de Comunicação Social-Jornalismo, email: anaalice.reis.goncalves@hotmail.com

³Estudante do 5º. Período do Curso de Comunicação Social-Jornalismo, email: ferreiragabriel.gf8@gmail.com.

⁴Estudante do 9º. Período do Curso de Comunicação Social-Jornalismo, email: jessicass17@gmail.com.

⁵Estudante do 7º. Período do Curso de Artes Visuais, email: jousefedavid@gmail.com.

⁶Orientador do trabalho. Professor Mestre do Curso de Comunicação Social-Jornalismo, email: sociologicus.ferreira@gmail.com.

Nos Estados Unidos, as primeiras imagens de gente “eram, paradoxalmente, uma forma de crítica social e, ao mesmo tempo, uma forma de sensacionalismo comercializado, uma parte do fenômeno do hiperestímulo moderno que as imagens criticavam” (SINGER, 2004,p. 110), isso fez com que a fotografia fosse capaz de denunciar problemas da modernidade e evidenciou o abandono dos representantes.

A presente fotografia intitulada “A família”, nome este dado por um dos entrevistados, representa um grupo criado para se ajudar e se protegerem dos próprios homens. Este trabalho foi construído sobre uma proposta assim como de Arbus, uma fotografia íntima, próxima, humanística como as fotografias P&B de Sebastião Salgado⁷. Longe de ser mais uma das inúmeras fotografias jornalísticas frias registradas a distância feita por longas tele objetivas, a fotografia “A Família” é um recorte carregado de empatia com o próximo, um retrato de uma sociedade em decadência, cujos valores humanos, morais, éticos são deixados ao esquecimento.

A fotografia “A família” nos traz na memória uma imagem famosa do fotógrafo americano Gordon Park “O homem que emerge”⁸, a figura de homem negro surgindo do bueiro em uma grande avenida, a imagem deste referido trabalho assemelha-se ao registro de Park, pois trazem questionamentos de uma sociedade que induz a invisibilidade desses indivíduos, por não enxergar ou não querer vê-los. Datadas ao esquecimento, ao exílio dentro de suas próprias cidades, onde a violência e a morte estão presentes em suas vidas como sombras marcantes.

OBJETIVO

Retratar os andarilhos de Parintins por meio da fotografia e desconstruir a realidade preconceituosa que é imposta a essas pessoas. E dessa forma tentar sensibilizar as pessoas sobre a situação desses indivíduos moradores de rua que sofrem diversos tipos de violência.

⁷ Famoso fotógrafo brasileiro, internacionalmente reconhecido por receber praticamente todos os principais prêmios de fotografia do mundo como reconhecimento por seu trabalho.

⁸ “O homem que emerge” é parte da mostra das comemorações do centenário de nascimento do fotógrafo americano Gordon Parks. A foto foi concebida para ilustrar um ensaio do premiado escritor negra Ralph Ellison, autor do romance “O Homem Invisível”, que trata da busca de identidade e do lugar na sociedade de um narrador não identificado – um homem negro da Nova York dos anos 1930 que se sente invisível porque o mundo à sua volta se recusa a vê-lo.

JUSTIFICATIVA

Esta fotografia é muito mais que um mero registro, é uma “fotografia de encontro”, uma relação afetiva frente a estes marginalizados, cujo propósito maior é dar visibilidade e voz a estas pessoas fragmentadas e vistas como monstros da modernidade. Tornar visível, como meio de denunciar este cenário de maus tratos e esquecimento, resultado de uma sociedade individualista gritante alheia ao sofrimento humano.

É possível fazer uma leitura crítica, considerando especificidades do mundo contemporâneo que incluem uma velocidade sobre o “modo pelo qual a própria cidade, e todas as outras coisas, se apresentam a nós” (PEIXOTO, 1988, p. 361), assim a cidade se torna um próprio produto artístico, apresentando personagens que fazem parte do contexto.



Galpão Abandonado (Centro de Parintins)

O mendigo, o travesti, a doente mental, todos estes personagens anônimos presentes em uma mesma fotografia, em um quadro na horizontal, lembrando uma janela aberta às reflexões, uma verdadeira paisagem composta por homens com todas as suas diferenças, personalidades e identidades. Cada um com suas performances, uma verdadeira metamorfose frente à lente, seus rostos são suas verdadeiras identidades de expressão, seus corpos carregados de cicatrizes, tatuagens, sujeira, um mar de códigos abertos para quem vê a fotografia.

Podemos imaginar no olhar penetrante e nas expressões de seus gestos as marcas deixadas por esse modo de vida. A fotografia se torna assim um meio democrático de documentar e expressar a vida desses sobreviventes de nossa cidade, trazendo reflexões e buscando soluções para estes problemas sociais.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O método utilizado para chegarmos a esse resultado foi por meio de entrevista e visitas periódicas nos locais onde essas pessoas vivem, conhecendo dessa maneira as histórias de cada um. Os relatos foram acompanhados e gravados por meio de célula para posteriormente serem transcritas para análises de estudo.

A câmera utilizada para o registro da fotografia “A Família” foi uma Canon Rebel 1100 D, como uma lente 18-200 mm sigma. Foi fotografada a uma distância focal de 18 mm a ISO 200, velocidade de obturador 1/80 seg., luz ambiente. A fotografia registrada em formato RAW, foi revelada digitalmente usando a programa de tratamento de imagem Photoshop versão CS6.

DESCRIÇÃO DO PRODUTO

A linguagem fotográfica utilizada nesta imagem foi o tratamento em preto e branco, com um filtro Add Noise do adobe photoshop, dando uma aparência de ruídos muito característicos dos antigos filmes P&B, com um pouco de contraste, realçando bastante as tonalidades de cinza presentes na foto.

A fotografia em Preto e Branco se faz em referência a uma época onde este tipo de fotografia foi bastante utilizado no auge da mídia impressa em meados da década de 50, onde os fotógrafos buscavam na ausência da cor uma forma de comunicação visual eficaz, construindo e organizando os elementos dentro do quadro antes do clique, dando ênfase ao contexto da imagem.

As entrevistas e as conversas informais com estas pessoas nos revelaram o quanto elas se sentem frente à vida, mostradas através de relatos fortes. Nossa proposta foi de inserir esses dados na própria fotografia, visto que a foto, sozinha, é antagonicamente incapaz de mostrar essas informações. Uma analogia aos tempos onde a imagem latente impressa era inscritos informações atrás da fotografia de forma manual como data, local e dedicatória, hábitos que normalmente se perderam em tempos da era digital.

A inserção de trechos das falas desses personagens se encaixa em uma abordagem artística e a fonte utilizada relembra as antigas máquinas de datilografias. A fotografia em preto e branco, as escritas inseridas sobre ela, e o contexto social forte, tornam esta imagem num convite para indagarmos sobre o que a sociedade tem feito com estes cidadãos cujos direitos humanos lhe foram negados.

CONSIDERAÇÕES

Este trabalho acadêmico, onde a fotografia foi utilizada aqui como ferramenta para auxiliar o entendimento dos problemas sociais, principalmente para este grupo de andarilhos registrados em um só quadro fotográfico, nos mostra que a exclusão social se torna fortemente presente nos dias de hoje. O aspecto da imagem feito através da linguagem fotográfica e os conceitos artísticos nelas aplicados constroem uma fotografia atemporal instigando a novas interpretações sobre essas pessoas.

Essencialmente a temática geral sobre invisibilidade social é um viés seguido por meio da fotografia neste trabalho, a fim de discutir o quanto o pensamento coletivo social cria estereótipos sociais, o qual gera a decadência moral da sociedade, em específico da cidade Parintins. O diálogo e a verdadeira face dessas pessoas nos mostrou o quanto ainda é preciso o ser humano abrir sua mente e olhar com respeito e igualdade ao outro.

É preciso ir além do que os olhos podem vê para saber o que realmente está a nossa frente, pois nem tudo é o que parece ser. Esperamos que através desta obra possamos relatar o suficiente para “os maus” entendedores, compreenderem a verdadeira face dos andarilhos, desta Família.

REFERÊNCIAS

ARBUS, Doon e SUSSMAN, Elisabeth (eds.) **Diane Arbus: Revelations**. New York, Random House. 2003

PEIXOTO, Nelson Brissac. **O olhar do estrangeiro**. In: NOVAES, Adulfo. **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SINGER, Ben. **Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular**. In: CHARNEY, L.; SCHWARTZ, V.R. **O cinema e a invenção da vida moderna**. Tradução de Regina Thompson, 2ª.Ed.rev. São Paulo: Cosac&Naify,2004.